

# Os centros da Constituinte

Luiz Orlando Carneiro

O deputado Expedito Machado, um dos principais líderes do "Centrão" — o grupo tido como uma espécie de "maioria silenciosa" da Constituinte e que vem ameaçando, não é de hoje, provar ter mesmo mais de 280 votos unidos e coesos —, negou ter pretendido bater às portas do Supremo Tribunal Federal para, se fosse necessário, modificar o Regimento Interno, a fim de que seja possível a apresentação de emendas substitutivas ao projeto votado na Comissão de Sistematização. Qualificou de fantasioso o noticiário da imprensa sobre a estratégia do "Centrão", dizendo que a luta de sua brigada vai ser mesmo dentro do plenário da Assembléia.



Com o apoio de parlamentares, até do PDT, que só entraram na jogada porque são presidencialistas, isto é, brizolistas, ajudando assim a descaracterizar o "Centrão", o deputado Expedito Machado e seus companheiros foram para valer à luta em busca das 280 assinaturas.

Ora, neste caso, ficou mais uma vez evidente — segundo a "maioria não-silenciosa" do Congresso — que o grupo representativo da vontade do Palácio do Planalto está tão zozno quanto o próprio Poder Executivo, que vem perdendo não só batalhas mas também oportunidades de criar fatos novos, como ocorreu quando o governo frustrou as expectativas geradas ao anunciar uma ampla reforma administrativa e ministerial, conseguindo desgostar setores até então fiéis e representativos do PFL, à frente seu presidente, o senador Marco Maciel. Não houve um fato novo. E agora já se diz que não há fato novo que possa vir do Executivo.

Por extensão, o mesmo está sendo dito do "Centrão", pelo menos a julgar pelas conversas de constituintes que têm tido um trabalho destacado na Comissão de Sistematização, e que podem ser considerados "moderados", como os senadores José Richa e Virgílio Távora e a deputada Sandra Cavalcanti, para citar apenas três nomes significativos, no PMDB, no PDS, no PFL.

O "Centrão", com o apoio dos constituintes que

ficaram de fora da Grande Comissão, pode até mudar o Regimento da Constituinte. Mas ficou tão ligado às artimanhas imaginadas ou tentadas pelo Executivo, para manter o presidencialismo de que Sarney se tornou arquétipo; que aparentemente perdeu a vocação de ser a *mainstream* da Assembléia Constituinte. E arengou tanto através de seus mensageiros, em suas idas e vindas entre o prédio do Congresso, o Hotel Nacional e o Palácio do Planalto, que parece estar perdendo também a condição de "maioria silenciosa".

Na verdade, o único fato novo possível — fora o Executivo tentar dar nos constituintes um xeque, jogando para valer com eleições gerais agora em 1988, com presidencialismo ou parlamentarismo — seria o "Centrão" provar, não mudando apenas o Regimento, mas quando estiver em causa o mérito das mais aceras questões constitucionais, que tem mesmo um contingente compacto superior à 280 soldados.

Há quem ainda acredite que é inevitável uma "pororoca", com os constituintes de "segunda classe" atropelando os que viajam na "primeira classe" da Comissão de Sistematização. Mas, dia após dia, os ventos insistem em não soprar a favor do grupo que se considera a síntese majoritária da Assembléia Nacional.

Quem analisar, item por item, nome por nome, as votações até agora realizadas na Comissão de Sistematização vai reparar que, mesmo que os 24 relatores das subcomissões (membros natos da Sistematização, 23% dela) tenham votado todos de forma diametralmente oposta aos "moderados", sobra ainda uma boa margem para negociações equilibradas no âmbito do plenário. A hora extra em dobro, por exemplo, foi aprovada na Comissão por 55 a 30, o que indica a possibilidade de uma revisão, num plenário de maioria afinada com a índole ideológica do "Centrão".

O foco dos verdadeiros "moderados", o "centro" da Constituinte, parece ser aquele da Comissão dos 32 (34% da Sistematização), responsável pelo "Projeto Hércules", e não os líderes do "Centrão", que dizem contar, para o que der e vier, com mais de 280 constituintes. O "Centrão" não deve, finalmente, segundo os "moderados" da Grande Comissão, minimizar a capacidade moderadora do presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, que sabe como poucos fingir-se de morto, e que representa um poder, no momento, bem mais forte do que os demais.